

## Tim Rescala

### Os 100 anos de Koellreutter

Nascido em Freiburg, Alemanha, em 1915, Hans-Joachim Koellreutter chegou ao Brasil em 1937 para iniciar uma verdadeira revolução no meio musical brasileiro. A data é emblemática e oportuna, principalmente porque nos leva a pensar criticamente sobre como está este meio musical hoje.

Koellreutter veio munido de uma carta de recomendação para Villa-Lobos, o primeiro a quem procurou. Já era flautista renomado e excursionava pela América Latina tocando Bach e Mozart, que chamava de música substancial. Mas Villa disse que esse repertório aqui não iria dar certo. Aqui só iriam se interessar pelo " Vôo do Besouro", de Rimsky-Korsakov ou coisas do gênero. Felizmente, o jovem flautista não desanimou e seguiu em frente, mesmo porque precisava sobreviver e não poderia retornar a Alemanha. Era simpatizante do partido comunista, noivo de uma judia, e o regime nazista já estava seguindo seus passos, tendo sido denunciado à SS pela própria família.

Ao longo de sua profícua carreira, Koellreutter dedicou-se também à composição e à regência, tendo sido assistente de Hermann Scherchen, mas foi como professor que marcaria definitivamente a história da música brasileira, embora tenha sido o primeiro a dar um curso de música dodecafônica na Europa.

Ao consultarmos apenas alguns dos nomes da imensa lista de músicos que estudaram com o mestre, podemos notar a incrível variedade de estilos e gêneros musicais que praticaram, o que já nos dá uma ideia do seu perfil como mestre: Claudio Santoro, Edino Krieger, Guerra-Peixe, Eunice Catunda, Esther Scliar, Isaac Karabchevsky, Nelson Ayres, Clara Sverner, Gilberto Mendes, Gilberto Tinetti, K-Chimbinho, Gaya, Moacyr Santos, Tom Jobim, Paulo Moura, Tom Zé e Caetano Veloso.

Seu mote principal como educador era "aprender com o aluno o que deveria ensinar". Isso fez toda a diferença, pois no lugar de reprodutores do estilo do mestre, como aconteceu muito na história da música, seu legado é um leque enorme de grandes músicos, cada um com seu "cunho pessoal", característica tão valorizada por Koellreutter.

O mestre sempre teve enorme apreço e interesse, não só pela música popular brasileira, que achava riquíssima, mas por toda a música do mundo, principalmente da Índia ou do Japão, onde Koellreutter morou, ensinou e aprendeu.

Ao longo de sua carreira esteve no centro de muitas polêmicas, como deve ser, aliás, com quem prega o novo e ousa subverter a ordem vigente. Muitas dessas polêmicas, contudo, não foram, na verdade, criadas por ele. Mas isso faz parte. Como ele gostava de dizer, " o morto é sempre o culpado".

Muita coisa, porém, foi creditada a ele erroneamente, como o fato de ter catequizado Claudio Santoro na direção do serialismo. Na verdade, quando começou a estudar com Koellreutter, Santoro já praticava um atonalismo livre, mas

que não sabia organizar. Foi ele quem pediu ao mestre para ajudá-lo a organizar esse material, assimilando as técnicas seriais.

Como fundador do Grupo Música Viva, sacudiu o marasmo da música brasileira, não só na direção de uma música nova, reflexo direto das mudanças que a sociedade sofria. Mas também promoveu primeiras audições de obras clássicas e contemporâneas ainda inéditas no Brasil.

Conheci Koellreutter durante um dos Cursos Lationamericanos de Música Contemporânea, em São João del Rey. Assistindo a uma palestra dele, achei-o radical, imperativo, intransigente. Mas dali a alguns dias já estava na fila para estudar com ele.

Foram quatro anos seguidos de aulas de composição, fora os cursos de harmonia, contraponto palestrinense e arranjo na Escola de Música Villa-Lobos, sob a direção de Aylton Escobar. Além disso, para minha sorte, convivi com ele como amigo e vizinho durante muitos outros anos. E essa convivência, obviamente, foi extremamente marcante para mim, da qual extraio algumas pequenas histórias que mostram o quão curiosa e engraçada era a personalidade do mestre, contraditória por excelência. Tudo a ver com sua busca de uma "estética do impreciso e paradoxal".

Algumas máximas ficaram para sempre em minha memória:

" O único momento de liberdade total de um compositor é quando ele escreve a primeira nota. Pois a segunda deverá ter relação com a primeira e assim, sucessivamente".

" Uma composição sem estrutura é como um prédio que pode desabar a qualquer momento".

" Duvide de tudo o que te disserem, inclusive do que eu digo."

" Ao escrever música, mais importante que o lápis, é a borracha."

Ao estar sempre disposto a pensar sobre a música, e estimulando quem estivesse a sua volta a fazer o mesmo, chegou a fazer previsões surpreendentes. Uma delas foi que a música, pouco a pouco, se tornaria atividade diletante, onde qualquer pessoa se tornaria um compositor. E o que estamos assistindo hoje?

Era um chocólatra e, pasmem!, adorava assistir novelas de TV. Como morávamos a poucos metros de distância, na Urca, de vez em quando me ligava para comentar como eu estava no estudo do piano. Aliás, o mestre Sérgio Ricardo, que morava no andar debaixo ao dele, parece que teve alguns problemas de convivência com o mestre por causa questões pianístico-acústicas.

Certa vez, em um concerto em sua homenagem, o ajudei a levar seus enormes bichos de pelúcia de estimação para sentarem na fileira da frente, dentre eles Fuzz, o seu preferido, e Mozart.

Certa vez o indaguei sobre o hábito que adquiriu no oriente e trouxe para o Brasil, o de se vestir sempre da mesma forma, com uma camisa de manga comprida, com uma gola rolê. Só mudava de cor, mas era sempre o mesmo corte. Segundo ele, para anular o individualismo e se integrar ao coletivo. Mas foi então

que indaguei: - mas aqui é só você que se veste assim. E ele retrucou: - só falta agora convencer os outros a se vestirem como eu!

De memória invejável, foi justamente pela memória que foi traído no final da vida. Me lembro de perceber esses lapsos de memória, pouco a pouco. Mas o curioso é que ele se esquecia das coisas do cotidiano, mas a memória musical ficou intacta por muito tempo.

Mas a memória de Koellreutter e de tudo que ele criou ficará intacta para sempre. Essa é inesquecível.

Originalmente publicado na revista do Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro, I-III 2015.